

**CANJICA OU CURAU COM COCO: DESCRREVENDO A NORMA LEXICAL
DO PORTUGUÊS BRASILEIRO A PARTIR DOS DADOS DO ALIB**

**CANJICA OR CURAU WITH COCONUT: DESCRIBING THE LEXICAL
NORM IN BRAZILIAN PORTUGUESE FROM ALIB DATABASE**

Vanessa Yida¹

Universidade Estadual de Londrina

Resumo: Este artigo², orientado pelos princípios teóricos da Geolinguística Pluridimensional (THUN, 2000), tem como objetivo discutir a configuração de uma possível norma geral e normas regionais, a partir da descrição e análise da distribuição diatópica de variantes lexicais registradas como respostas à questão 179, que busca possíveis variantes para a *canjica/curau* com coco, aplicada pelas equipes do Projeto Atlas Linguístico do Brasil (ALiB), em 250 localidades situadas no território brasileiro. Do total estabelecido pelo Projeto, foi recortada uma amostra contendo 1000 informantes com perfil fundamental de escolaridade, residentes nas capitais e interior, considerando as variáveis diassexual (masculino e feminino) e diageracional (jovens e idosos). Por meio da elaboração de cartas linguísticas, fotografando a distribuição nacional e por regiões, foi verificada a formação de áreas passíveis de serem delimitadas por isoléxicas, indicando a integração de variantes regionais. Ainda, para validar as formas linguísticas registradas, foram consultados dicionários gerais e um etimológico. Em síntese, foram documentados alguns regionalismos, no entanto, para esse referente, não observamos a configuração de uma denominação de uso geral no Brasil; ademais, a diversidade de nomeações revelou o influxo de costumes regionais no processo denominativo, tais como o hábito da adição ou não de ingredientes específicos como o coco na receita original, atestando a relevância de se considerar a especificidade econômica e cultural de cada localidade na investigação sobre a vitalidade dessas formas linguísticas.

Palavras-chave: Dialetolegia; Projeto ALiB; variação lexical; regionalismos; *canjica/curau* com coco.

Abstract: This article, guided by theoretical principles of Pluridimensional Geolinguistics (THUN, 2000), aims to discuss the pattern of general and regionals norm, from description and analyse of lexicals variants diatopic distribution registered as answers to the question 179, to verify variants for *canjica/ curau with coconut*, applied by Linguistic Atlas of Brazil Project (ALiB) members, to 250 localities situated on Brazilian territory. It was cropped a sample containing 1000 informants with Primary education, residents in the national capitals and countryside of the total established by the project, considering the diassexual variable (men and women) and diageracional variable (young and old person). Throught the elaboration of linguistic maps, photographing the national and the regional distribution, it was found the formation of area that could be delimited by isolexicons, indicating the regional variants integration. Further, to validate the linguistic forms registered, we consulted general and etymological dictionaries. In summary, we have gotten some regionalisms, however, to this referring, we haven't observed the configuration of a designation with general use in Brazil; in addition, the diversity nominations revealed the influx of regional customs in the denomination process, such as the habit of adding

¹Doutora em Estudos da Linguagem, pela Universidade Estadual de Londrina. E-mail: vanessayida@gmail.com.

² Este artigo apresenta uma amostra de uma das análises da Tese defendida pela autora (YIDA, 2019).

or not specific ingredients as the coconut in the original cooking recipe, attesting the relevance of considering the cultural and economic specificity of each location in the investigation about these linguistic forms vitality.

Keywords: Dialectology; ALiB Project; lexical variation; regionalisms; *canjica/curau* with coconut.

Submetido em 10 de agosto de 2020.

Aprovado em 01 de setembro de 2020.

Introdução

O léxico³ das línguas é constituído por vocábulos⁴ que testemunham a história e a formação humana de cada comunidade⁵, e integram o seu património sociocultural, sendo transmitido a cada geração sob o invólucro de tradições herdadas. Assim, caracteriza-se pelo carácter dinâmico, por acompanhar as transformações sociais, económicas e culturais, além da ação do tempo e do espaço. No que se refere ao léxico dialetal⁶, há ainda a especificidade da atuação da manutenção ou do desaparecimento dos referentes, consequência da mudança de hábitos culturais em cada recanto do País, além da interferência de movimentos migratórios na inserção e na disseminação de formas linguísticas, assim como da escolarização e dos meios de comunicação, influenciando na padronização das formas.

Ciente dessa perspectiva da realidade linguística⁷, a Geolinguística vem contribuir com a descrição, a perenização e a reflexão acerca dos usos linguísticos peculiares de cada comunidade linguística⁸, em cada recanto de uma ou mais nações, fotografando-os por meio de cartas linguísticas.

Isso posto, neste artigo, objetivamos descrever e analisar a distribuição espacial de variantes lexicais obtidas como respostas à questão 179, que busca denominações para “uma papa cremosa feita com coco e milho verde ralado, polvilhada com canela”, uma

³ O léxico constitui o conjunto de palavras e expressões de uma dada língua.

⁴ Para este texto, o vocabulário é compreendido como um subconjunto do léxico. Trata-se de um conjunto de palavras ou expressões efetivamente utilizadas por determinados grupos, como falantes de uma determinada faixa etária, de uma época, que vivem em uma região específica etc.

⁵ Ao longo do artigo, foram utilizadas a nomenclatura comunidade/ comunidade linguística, com referência à noção de comunidade linguística.

⁶ Determinados vocábulos e expressões comumente registrados por falantes que, em geral, partilham a mesma localidade geográfica e suas proximidades, e que demarcam sua identidade linguística.

⁷ A realidade linguística diz respeito aos usos linguísticos, à língua em uso.

⁸ Grupos de falantes que compartilham traços linguísticos (fonéticos, lexicais, morfológicos) específicos (que os identificam e os distinguem de outros grupos), valores e atitudes quanto a fatos linguísticos registrados por outros falantes.

das questões que constam do Questionário Semântico Lexical (QSL), do campo semântico-lexical da Alimentação e Cozinha, subseção integrante dos questionários do Projeto Atlas Linguístico do Brasil (ALiB) (COMITÊ NACIONAL, 2001). O *corpus* total do ALiB é composto por 1100 informantes, distribuídos por 250 localidades (sendo 25 capitais e 225 interior). Em cada capital, são oito informantes (totalizando 200), contemplando as variáveis sexo (masculino e feminino), faixa etária (18-30 anos e 50-65 anos) e escolaridade (ensino fundamental e superior), e em cada localidade do interior, quatro informantes (perfazendo 900 informantes), contemplando o mesmo perfil sexo e faixa etária, considerando somente falantes com ensino fundamental. No recorte específico para esta pesquisa, para padronizar o perfil, foram analisadas as entrevistas aplicadas junto a 1000 informantes, considerando apenas os com nível fundamental de escolaridade, residentes nas 250 localidades, capitais e interior, abrangidas pelo Projeto. A partir da recolha dos dados, foram elaboradas cartas linguísticas, a fim de verificar a possibilidade de delimitação de isoléxicas⁹, indicando usos regionais. Para a validação das formas¹⁰, além do critério da produtividade, foi consultada a documentação dos itens lexicais em dicionários gerais; para a investigação etimológica, utilizamos uma obra lexicográfica específica. Desse modo, a partir da cartografia dos dados, discutimos a respeito de uma possível configuração de uma norma geral e normas regionais na disseminação do registro das diversas denominações para o referente em pauta, além de refletir sobre a importância de se considerar as especificidades econômicas e culturais regionais na investigação a respeito das variantes lexicais.

Para tanto, inicialmente, tecemos breves considerações sobre o léxico e cultura e a respeito da formação regional. Na seção seguinte, apresentamos um cenário da Geolinguística e do papel do Projeto Atlas Linguístico do Brasil (ALiB), no intuito de traçar um panorama geral da contribuição desse ramo de estudos para a descrição linguística; após, especificamos a metodologia, descrevendo os passos seguidos na consecução desta pesquisa. Ao final, expusemos a análise dos dados e as considerações finais.

⁹ As isoléxicas são “isoglossas lexicais”: linhas virtuais que demarcam semelhanças / diferenças entre os falares, em nível lexical.

¹⁰ A validação das formas obtidas diz respeito à seleção das variantes a serem consideradas como válidas, agrupando as formas morfofonêmicas e as categorizadas como *outras*, a fim de tornar o mapeamento e as análises quantitativas e qualitativas mais claras. Foram consideradas válidas as variantes mais produtivas e/ ou as inseridas em dicionários e desconsideradas as *hápax legomena* (com apenas um registro) de uso mais restrito, familiar ou jocoso, assim interpretadas a partir de indicações documentadas pelos próprios falantes.

1. Léxico e cultura: a formação regional

Cada língua tem uma visão particular de mundo e expressa a realidade ao seu modo, refletindo os padrões socioculturais da sociedade (SAPIR, 1969). Assim, conforme o autor, em uma língua, o léxico constitui o nível linguístico que espelha o ambiente físico e social dos falantes, refletindo sua cosmovisão ao revelar sua percepção acerca da realidade.

Desse modo, o léxico de uma língua possibilita-nos observar características de determinadas localidades, assim como valores, crenças e costumes de grupos sociais. Constitui um documento vivo, espelhando a realidade linguística, a sociedade e a cultura de um povo. Por meio das palavras, o conhecimento adquirido ao longo da história é transmitido às gerações posteriores. Segundo Biderman (1978, p. 139),

[...] qualquer sistema léxico é a somatória de toda experiência acumulada de uma sociedade e do acervo da sua cultura através das idades. Os membros dessa mesma sociedade funcionam como sujeitos-agentes no processo de perpetuação e reelaboração contínua do léxico de sua língua.

Nesse sentido, os membros de uma comunidade empregam expressões que traduzem sua forma de ver e de sentir o mundo, perpetuando e reatualizando vocábulos. Tais usos comuns e reiterados por esses falantes integram-se em uma norma linguística.

Sob esse viés, o conceito de norma (linguística) remete à formulação coseriana, em uma noção atrelada às realizações comuns, integrando a comunidade linguística (COSERIU, 1979). Nesse particular, segundo reforçam Faraco e Zilles (2017), a norma é caracterizada pelos usos normais, habituais, definidos conforme o conjunto de traços linguísticos (fonético-fonológicos, semântico-lexicais, morfossintáticos e discursivos), e registrados pelos falantes de determinada(s) comunidade(s).

Ao integrarem a norma, tomada no nível lexical, determinadas variantes podem apresentar uso mais abrangente e disseminado, enquanto outras são representativas de determinadas regiões e podem disseminar-se a outras. Assim, “há, portanto, unidades lexicais¹¹ que representam o léxico empregado em uma região específica, em contraste com outras que pertencem ao vocabulário geral da língua” (OLIVEIRA, 1999, p. 5).

No que tange ao vocabulário representativo de uma região característica, Isquierdo (2016) relaciona-o à dimensão diatópica, de modo a integrar uma norma regional

¹¹ Variantes.

determinada linguística e territorialmente. Dessa maneira, a norma lexical ou o léxico dialetal é constituído pelas variantes que caracterizam “áreas demarcadas geolinguisticamente e que singularizam o vocabulário regional” (ISQUERDO, 2016, p. 315). A autora, condizente com Oliveira (1999), ainda reforça que, ao traçar regionalismos, importa diferenciar o vocabulário comum, disseminado em território nacional, do vocabulário regional, cujo uso é peculiar e restrito a regiões definidas. Tais registros, espacialmente delimitáveis, testemunham as marcas culturais e situam a comunidade linguística em um período histórico.

Assim, o estudo da norma linguística em nível lexical e dos regionalismos deve ser aliado à dimensão histórico-social da linguagem, pois é no domínio do grupo social que a norma se estabelece, disseminando-se ou restringindo-se a determinados espaços geográficos (ISQUERDO, 2006). O arcabouço lexical de uma comunidade linguística é integrado sob o revestimento da norma lexical, que, por sua vez, apresenta-se solidificada a partir de pilares sócio-históricos, econômicos e culturais coletivos.

Nessa perspectiva, no que concerne a esses pilares na formação da sociedade brasileira, Diégues Junior (1960) comenta a respeito das diferenças regionais, decorrentes de estilos de vida peculiares e da relação entre homem e ambiente. Em sua análise, divulga um mapa da divisão brasileira em regiões culturais (Figura 1), representando a integração humana vinculada a uma base econômica, geográfica e histórica, que influenciaram a ocupação territorial.

Figura 1. Regiões culturais do Brasil

Fonte: Diégues Junior (1960, p. 1).

O autor subdivide o Brasil nas seguintes regiões culturais:

- (i) Nordeste agrário do litoral – caracterizado pela maior mestiçagem entre brancos e negros e pelo engenho açucareiro como vetor socioeconômico;
- (ii) Nordeste mediterrâneo pastoril – formado a partir da mestiçagem entre brancos e indígenas, simbolizado pelo vaqueiro e pelo mameluco, com foco econômico nas fazendas de criação;
- (iii) Amazônia – a floresta e a água influíram na ocupação humana, com presença indígena e economia definida pelo extrativismo vegetal, pela produção da borracha, extração da madeira e da castanheira;
- (iv) Mineração no planalto – teve fôlego com a figura dos bandeirantes, somando ainda a contribuição de paulistas, mamelucos, nordestinos, mulatos, reinóis e judeus;
- (v) Centro-Oeste – a ocupação deu-se com a mineração e, posteriormente, com o cultivo de erva-mate e a criação de gado. Na formação humana, predominou o português,

mestiço com o indígena, com alguma influência cultural de correntes espanholas fronteiriças;

(vi) Pastoril do extremo Sul – a formação teve influxo de paulistas, nordestinos, fluminenses, e ilhéus, além da influência do espanhol de fronteira; a pecuária compõe a base econômica, assim como a agricultura familiar de influência açoriana.

(vii) Colonização estrangeira – de base imigratória (alemães, italianos, poloneses, russos, árabes, os holandeses e japoneses), ocuparam trechos despovoados da Região Sul;

(viii) Faixa do café – composta pela figura dos escravos e imigrantes, em região identificada pelas áreas de cultivo do café no século XIX, e posterior inserção do gado e industrialização;

(ix) Região do cacau, situada no sul baiano;

(x) Região do sal, no Rio Grande do Norte e Rio de Janeiro, e a da pesca, em zonas litorâneas.

Diante do exposto, ao procedermos à descrição e análise da disseminação espacial de variantes lexicais, importa considerar, no processo de constituição das diferenças regionais, a convergência da relação entre o homem e o ambiente circundante, bem como, constituintes sócio-históricos, econômicos e culturais que, por seu turno, incidem no processo denominativo.

2. A Geolinguística e a contribuição do Projeto ALiB

A Geolinguística, um ramo dos estudos dialetais, surgiu em fins do século XIX e início do XX, com maior proeminência na Alemanha e na França. Por intermédio desse estudo descritivo sistemático de caráter empírico, são interpretados dados linguísticos coletados em uma área geográfica predeterminada, a partir dos quais são elaborados mapas linguísticos retratando determinados traços dialetais, tendo, em geral, os atlas linguísticos como produto final.

Em seu advento, a Geolinguística seguiu orientação estritamente monodimensional¹², focada apenas no eixo diatópico, na variação linguística espacial ou geográfica, buscando retratar a fala em um contexto sócio-histórico em que a distribuição populacional era marcada pelo isolamento demográfico, sendo mais restrita ao meio rural, caracterizada pelo raro deslocamento populacional e por meios de comunicação menos

¹² É designada “monodimensional” por controlar, na metodologia e na representação cartográfica das variantes, apenas a dimensão geográfica, também denominada diatópica, horizontal ou espacial.

eficientes.

Na atualidade, a tal orientação diatópica dos estudos geolinguísticos tem sido acrescida a visão social, os “veios sociolinguísticos” (CARDOSO, 2010, p. 64), sob influxo do advento da Sociolinguística. A modificação na sociedade, que passou a ser assinalada pela mobilidade demográfica, pela elevada urbanização e por meios de comunicação em vertiginoso desenvolvimento, resultou em uma mudança nos costumes e em uma nova caracterização humana. Com o propósito de retratar esse contexto de transformação do perfil da sociedade, a Geolinguística revestiu-se de novos aspectos a serem considerados na busca pela descrição dos falares, acrescentando ao eixo horizontal, monodimensional, variáveis sociais (sexo, escolaridade, faixa etária etc.), em uma perspectiva de orientação pluridimensional. Além dessa renovada perspectiva, a utilização de recursos de informática no levantamento e tratamento do *corpus* e na cartografia linguística têm dinamizado o processo de abordagem dos dados.

No cenário contemporâneo, o Projeto ALiB, interinstitucional e de caráter nacional, seguindo a vertente pluridimensional que vem orientando os estudos dessa natureza, publicou em Cardoso *et al.* (2014a, 2014b) os seus primeiros resultados obtidos a partir de dados recolhidos nas capitais, e tem atuado como modelo para o desenvolvimento de outros estudos geolinguísticos, na definição da rede de pontos, do questionário, do perfil dos informantes, da metodologia de transcrição e revisão de entrevistas e dos instrumentos de coleta de dados.

Por se tratar de um atlas linguístico geral, concretizado em um País com dimensões continentais, os resultados do ALiB possibilitam o traçado de uma macrovisão do fenômeno da variação sob diferentes aspectos, tais como, fonéticos, semântico-lexicais, morfossintáticos e prosódicos, a partir de dados colhidos sistematicamente *in loco*, consistindo em fonte precisa para delinear marcas dialetais do português brasileiro.

A dimensão territorial brasileira, os processos migratórios e a ausência de uma ampla descrição do português brasileiro constituem fatores que complexificam a classificação de regionalismos no Brasil, consoante Isquierdo (2007). Nesse panorama, o *corpus* do Projeto ALiB, recolhido com base em criteriosos princípios teórico-metodológicos, assegura a representatividade e possibilita a comparação dos dados.

No que se refere à delimitação de regionalismos, importa definir critérios de seleção e de classificação e a fonte para identificação desses fatos linguísticos, comenta a supracitada pesquisadora. É relevante estabelecer o critério de referência, contrastando

a norma geral, composta pela forma lexical mais disseminada no território nacional e registrada pela maioria dos falantes, e a regional, o uso característico de comunidades linguísticas circunscritas a determinados espaços geográficos. A par disso, neste estudo, com o auxílio da cartografia linguística, comparamos a disseminação geográfica da variante mais produtiva, para verificar a possível configuração de uma norma geral, e das outras formas lexicais, a fim de averiguar a disseminação das variantes em áreas passíveis de delimitação por isoléxicas, constituindo formas regionais.

Nesse sentido, a cartografia e a análise dos dados coletados pelas equipes do Projeto ALiB fornecem elementos para a investigação da vitalidade e da disseminação espacial dos regionalismos do português brasileiro, possibilitando, por seu turno, a inserção e/ou atualização de marcas de uso¹³ nos dicionários.

3. Metodologia

Neste artigo, buscamos discutir a caracterização de uma norma geral e de normas regionais a partir da descrição e análise da distribuição diatópica de variantes lexicais registradas como respostas à questão 179, que indaga: “como se chama uma papa cremosa feita com coco e milho verde ralado, polvilhada com canela”, com vistas à obtenção de variantes para a *canjica* ou *curau* com coco.

Os dados analisados nesta pesquisa dizem respeito ao *corpus* coletado pelas equipes do Projeto Atlas Linguístico do Brasil (ALiB), em inquéritos aplicados junto a 1000 informantes com perfil fundamental de escolaridade, residentes em 250 localidades (capitais e interior) situadas no território brasileiro. Em cada um dos pontos de inquérito, foram consideradas as respostas registradas por quatro informantes¹⁴, sendo um homem e uma mulher da faixa I (18-30 anos) e um homem e uma mulher da faixa II (50-65).

Após a audição e a revisão das transcrições das entrevistas, as variantes lexicais registradas foram validadas de acordo com a produtividade nos inquéritos e a partir da

¹³ Conforme Pontes (2009), as marcas de uso constituem informações inseridas no interior do verbete, esclarecendo o emprego da palavra quanto à modalidade (falada ou escrita), se se trata de um uso regional ou popular, dentre outras.

¹⁴ Para viabilizar a concretização do levantamento de dados no País, nos inquéritos do ALiB efetivados nos pontos do interior foi considerado apenas o perfil de ensino fundamental (MOTA; CARDOSO, 2009). No presente estudo, a fim de padronizar o perfil geral de informantes da pesquisa, foram desconsiderados os 100 informantes com perfil superior de escolaridade das entrevistas realizadas nas capitais. Assim, fizemos recorte do *corpus* total do ALiB, considerando apenas os quatro informantes com ensino fundamental de cada uma das 25 capitais, que foram somados aos quatro de cada uma das 225 localidades do interior, totalizando 1000 informantes.

consulta a dicionários gerais da língua portuguesa, a saber: Aulete [s/d], Ferreira (2010) e Houaiss e Villar (2009); para a investigação etimológica das formas coletadas, foi consultado Cunha (2010). Após a validação, as formas linguísticas foram inseridas no programa SGVCLin (ROMANO, SEABRA, OLIVEIRA, 2014), para a geração automática de cartas linguísticas diatópicas, de arealidade e de arealidade gradual¹⁵, analisando a distribuição por Regiões e a nacional, utilizando como carta base as elaboradas por membros da Comissão de Informatização e Cartografia (CIC) do Projeto ALiB.

Posteriormente à geração das cartas, foram analisadas as formas mais disseminadas no território nacional, indicando uma norma geral e as variantes passíveis de serem delimitadas por isoléxicas, os regionalismos. A distribuição areal das variantes foi comparada à classificação de Diégues Junior (1960), das regiões culturais, investigando a relação entre a atividade econômica e a cultura e os usos linguísticos regionais.

4. Análise dos dados

Na validação dos dados, foram interpretados os relatos dos informantes, pois, por vezes, eles comentavam a respeito da inexistência, na localidade em que residiam, do costume de inserir coco na receita da iguaria em questão. Devido a esse fato, em algumas entrevistas, alguns falantes simplesmente registravam qualquer denominação, justamente por desconhecer o referente. Esses casos foram contabilizados como não resposta¹⁶.

Foram consideradas as variantes mais produtivas e efetuados os agrupamentos¹⁷ das formas morfofonêmicas a seguir:

¹⁵ A arealidade diz respeito à distribuição espacial ou “areal” de determinada variante; em vista disso, nas cartas de arealidade e de arealidade gradual, o SGVCLin traça isoglossas delimitando os limites virtuais da disseminação das variantes, além de representar por cores as suas áreas de distribuição. Na carta de arealidade gradual, são acrescidas progressões de produtividade, indicadas pela gradação da cor (ROMANO, 2015).

¹⁶ Nos questionários do ALiB (COMITÊ NACIONAL, 2001), na questão subsequente (180 do QSL), o inquiridor indaga o informante as denominações para a “papa cremosa feita com milho verde ralado, polvilhada com canela”, mas sem a adição de coco, a fim de verificar em quais localidades há ou não o costume de inserir esse fruto na receita, fator que pode incidir no conhecimento ou não do referente e no registro de diferentes denominações para cada receita.

¹⁷ Dada a grande produtividade, a fim de alinhar a análise e facilitar a descrição das variantes, procedemos ao agrupamento dos dados sob alguns rótulos, como, por exemplo: as ocorrências para as formas *mingau com coco*, *mingau de milho verde*, *mingau* e *mingau de milho* foram rotuladas como *mingau/ mingau de milho*, para a *canjica de milho verde*, *canjica* e *canjica de milho*, como *canjica/canjica de milho*, e *mucunzá* e *mugunzá*, como *mugunzá*.

(i) Formas compostas e perifrásticas compostas, excetuando a expressão *de milho*: *canjica de milho* > *canjica de milho verde*; *mingau de milho* > *mingau com coco*, dentre outras;

(ii) Dessonorização, referente ao par /g/ e /k/: *mugunzá*>*mucunzá*.

Foram categorizadas as *hápax legomena* (uma ocorrência cada) enquanto *outras*: *chá de burro* e *lelé*. Nove denominações foram desconsideradas, a saber: *pamonha*, *mingau de fubá de milho*, *cocada de milho*, *polenta*, *manuê*, *aluá*, *ulelé*, *canja* e *cuscuz* por se tratar de denominações vinculadas a outros referentes.

No apuramento geral, computando as duas variantes rotuladas como *outras*, foram documentadas 609 ocorrências distribuídas em oito denominações para o referente. As formas mais produtivas e seus percentuais, excetuando-se as abstenções, foram organizadas no Quadro 1:

Quadro 1. Produtividade geral das variantes (questão 179 do QSL)

Variantes	Ocorrências	Porcentagens
<i>Canjica/ canjica de milho</i>	290	47,62%
<i>Mingau/ mingau de milho</i>	140	22,98%
<i>Curau/ curau de milho</i>	128	21,02%
<i>Papa/ papa de milho</i>	29	4,77%
<i>Angu</i>	17	2,79%
<i>Mugunzá</i>	3	0,49%
<i>Outras (chá de burro e lelé)</i>	2	0,33%
TOTAL	609	

Fonte: (YIDA, 2019, p. 152) adaptado do banco de dados do Projeto ALiB.

De acordo com o índice de produtividade geral, foram documentadas: *canjica/ canjica de milho* (290 ocorrências, computando 47,62%), *mingau/ mingau de milho* (140, 22,98%), *curau/ curau de milho* (128, 21,02%); *papa/ papa de milho* (29, 4,77%), *angu* (17, 2,79%), *mugunzá* (três, 0,49%) e *outras* variantes, com apenas dois registros, perfazendo 0,33% do total.

No que concerne à comparação das respostas válidas às abstenções, foi verificada uma alta taxa de não respostas: foram registradas 609 ocorrências, contabilizando 60,12% da amostra e averiguadas 404 abstenções à questão, perfazendo o índice de 39,88%. Conforme discutido em artigo sobre as não respostas às perguntas do Questionário

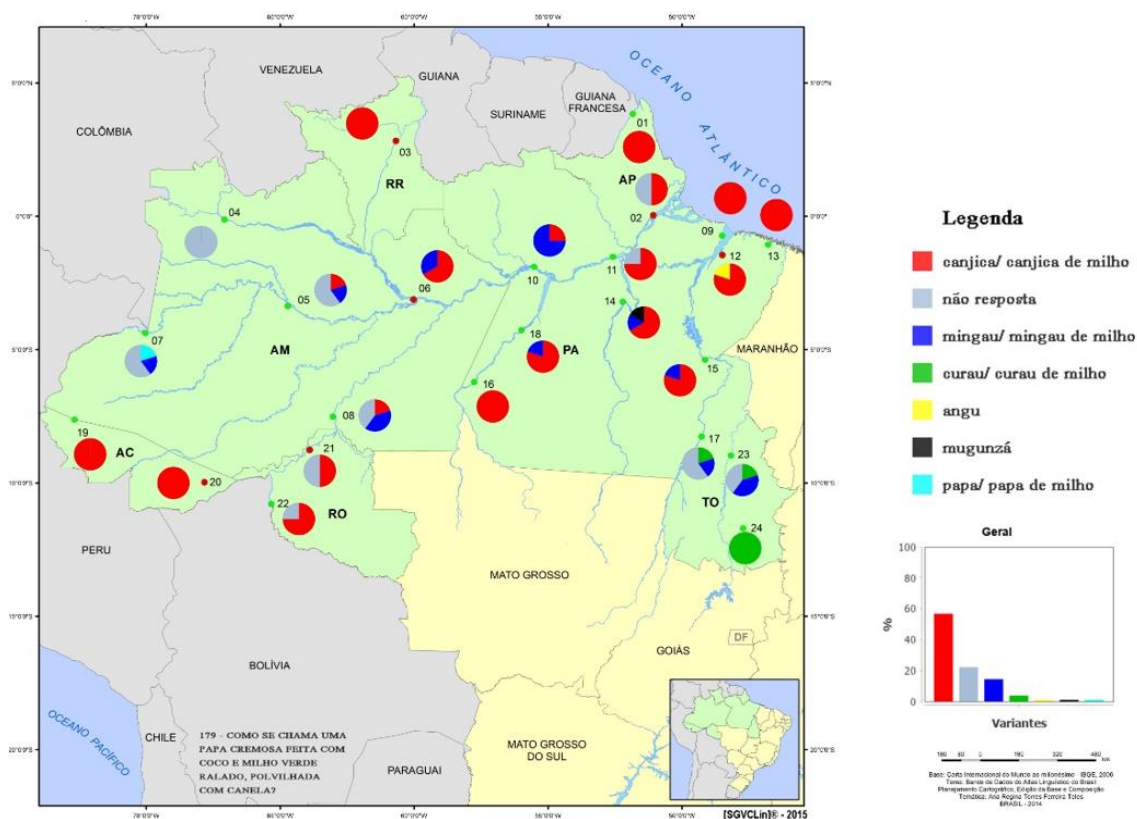
Fonético-Fonológico (QFF) dos Questionários do Projeto ALiB (COMITÊ NACIONAL, 2001), verificadas nos inquéritos conduzidos nas capitais, “algumas expressões não fazem parte do conhecimento de mundo do informante” (AGUILERA; YIDA, 2008, p. 29); em vista disso, por desconhecerem o referente, muitos se abstêm de responder a determinadas questões. A partir desse estudo, na pesquisa de Yida, Gholmie e Vasconcelos (2018) sobre as estratégias para obtenção de respostas e reformulações de questões, a partir do trecho do QFF em que se busca documentar a variação fônica para “aftosa”, em inquéritos recolhidos pelo ALiB nas capitais do Centro-Oeste e Sudeste, foi observada a influência do contexto sociocultural local na constituição do vocabulário ativo dos falantes. Constatou-se que algumas formas, por força da atividade econômica regional, podem ou não fazer parte do arcabouço lexical de determinadas comunidades linguísticas.

De fato, segundo Mota (2006), devido ao caráter nacional e abrangente do ALiB, em algumas áreas, há a possibilidade de se deparar com a ausência de referentes. As não respostas podem indicar as diferenças culturais de cada região, desde o não costume de utilizar coco na receita ou até mesmo a inexistência do hábito de consumir pratos doces produzidos a partir do milho.

Aclaradas essas notas iniciais, no tratamento cartográfico dos dados, inicialmente, foram elaborados mapas fotografando a realidade linguística por regiões brasileiras, cuja representação e descrição são apresentadas a seguir.

A distribuição espacial das denominações que recobrem o conceito expresso pela questão 179 do QSL do ALiB na Região Norte (Figura 2) revela a disseminação de *canjica/canjica de milho*, documentada em área delimitada por isoléxica, com extensão do litoral nordeste, norte, centro em direção ao sul e sudoeste da Região Norte. Algumas não respostas indicam a ausência do costume de adicionar coco ou desconhecimento da receita, registradas na proximidade do litoral paraense, centro-oeste do Amazonas e em dois pontos rondonienses e tocantinenses.

Figura 2. Distribuição diatópica das variantes para a questão 179 do QSL (Região Norte)



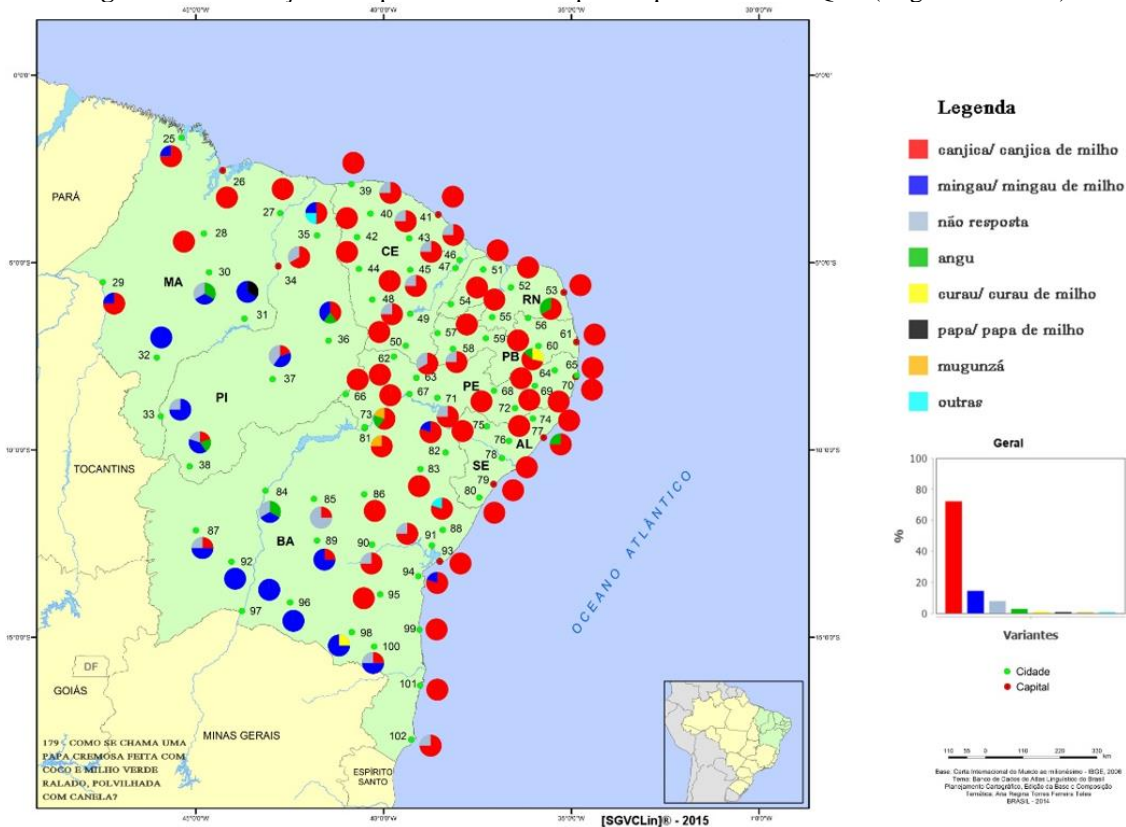
Fonte: Elaborada pela autora a partir do banco de dados do Projeto ALiB (2015) – carta linguística experimental

A variante *mingau/mingau de milho* foi documentada mais em direção ao interior, em área delimitada por isoléxica de leste a oeste, trechos do sul e sudeste da região, atravessando o Pará, Tocantins e Amazonas. *Curau/curau de milho* foi obtida em distribuição areal integrada por outra isoléxica, abrangendo um ponto paraense (17- Conceição do Araguaia) e os dois pontos tocantinenses. A forma *angu* foi documentada somente na capital paraense (12- Belém); a variante *mugunzá*, em 14- Altamira – PA, e *papa/ papa de milho*, na localidade 07- Benjamin Constant - AM.

A carta apresentada na Figura 3 fotografa a distribuição diatópica das variantes na Região Nordeste, revelando um polimorfismo linguístico¹⁸.

¹⁸ Polimorfismo linguístico: muitas (variadas) formas linguísticas.

Figura 3. Distribuição diatópica das variantes para a questão 179 do QSL (Região Nordeste)



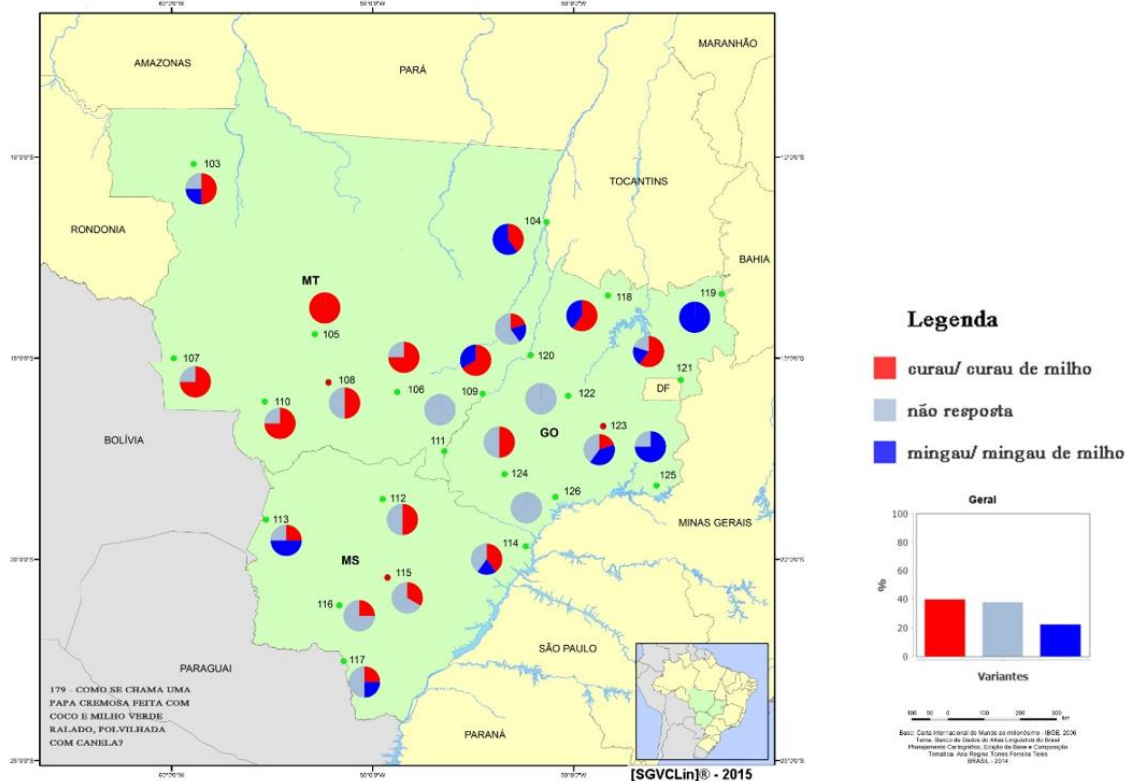
Fonte: Elaborada pela autora a partir do banco de dados do Projeto ALiB (2015) – carta linguística experimental

Canjica/ canjica de milho foi hegemônica em localidades dispostas no litoral em direção ao interior nordestino, espreado-se em área delimitada por isoléxica, abrangendo todos os estados. *Mingau/ mingau de milho*, em caminho inverso, apresentou distribuição areal balizada por isoléxica, do interior ao centro baiano, no território piauiense e no sudeste, sudoeste e noroeste maranhense. Foram verificadas algumas abstenções na área litorânea e no interior cearense, piauiense, pernambucano e baiano, e em um ponto maranhense. *Angu* foi documentada de modo esparsa no interior maranhense, piauiense, baiano, paraibano, e também na capital alagoana. *Curau/ curau de milho* foi obtida somente em 60 – Campina Grande - PB e em 98 – Vitória da Conquista - BA; *papa/ papa de milho*, apenas em 31 – São João dos Patos - MA, e a variante *mugunzá* em 73 – Petrolina - PE e em 81 – Juazeiro - BA. *Outras* formas linguísticas foram registradas nos pontos 35 – Piri-piri - PI e 88 – Alagoinhas - BA, *chá de burro* e *lelê*, respectivamente.

Na carta diatópica da Região Centro-Oeste (Figura 4), o cenário linguístico modifica-se: a variante *curau/curau de milho* passa a ser a mais produtiva e disseminada

praticamente na totalidade das localidades. Nos inquéritos levados a cabo nessa região, muitos informantes relataram desconhecer a receita de milho doce com coco.

Figura 4. Distribuição diatópica das variantes para a questão 179 do QSL (Região Centro-Oeste)

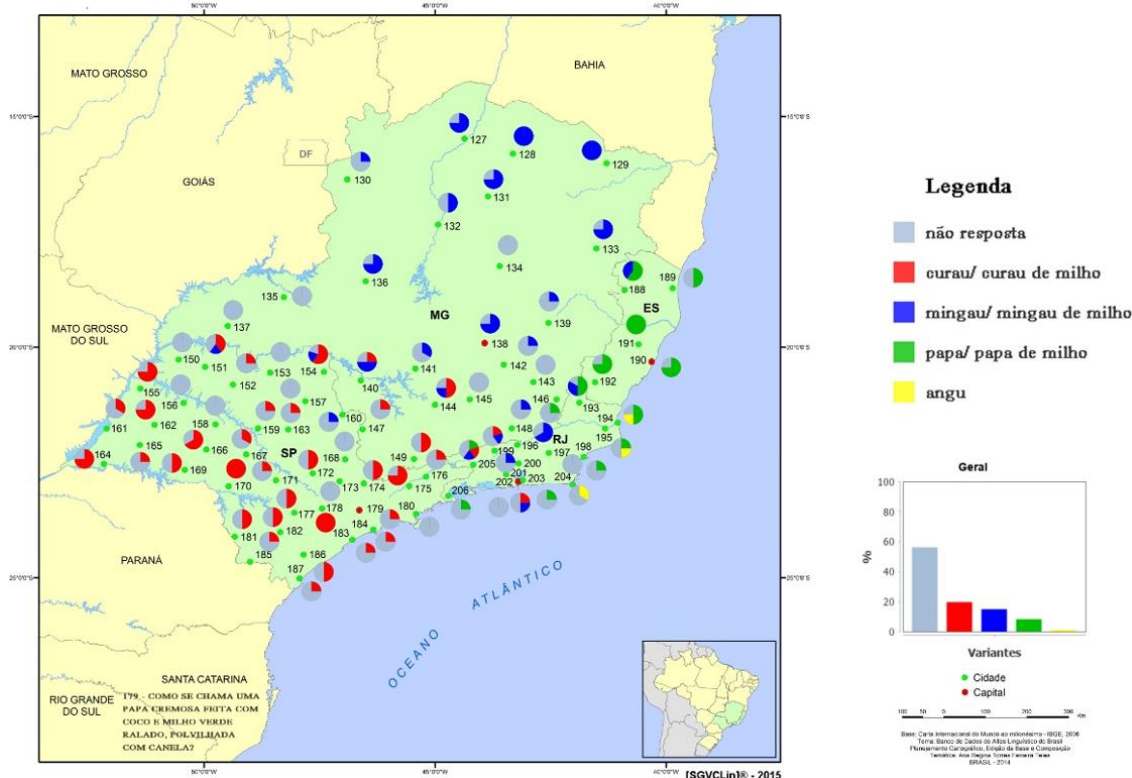


Fonte: Elaborada pela autora a partir do banco de dados do Projeto ALiB (2015) – carta linguística experimental

Mingau/ mingau de milho foi obtido em Goiás, na área centro-leste, nordeste e norte, em direção ao leste, nordeste e noroeste mato-grossense e, em alguns pontos situados a leste, sul e noroeste sul-mato-grossense.

Na Região Sudeste, o panorama linguístico retratado pela carta (Figura 5) revela, como resposta majoritária, o desconhecimento pelos falantes quanto ao referente ou o não costume de adicionar coco na receita.

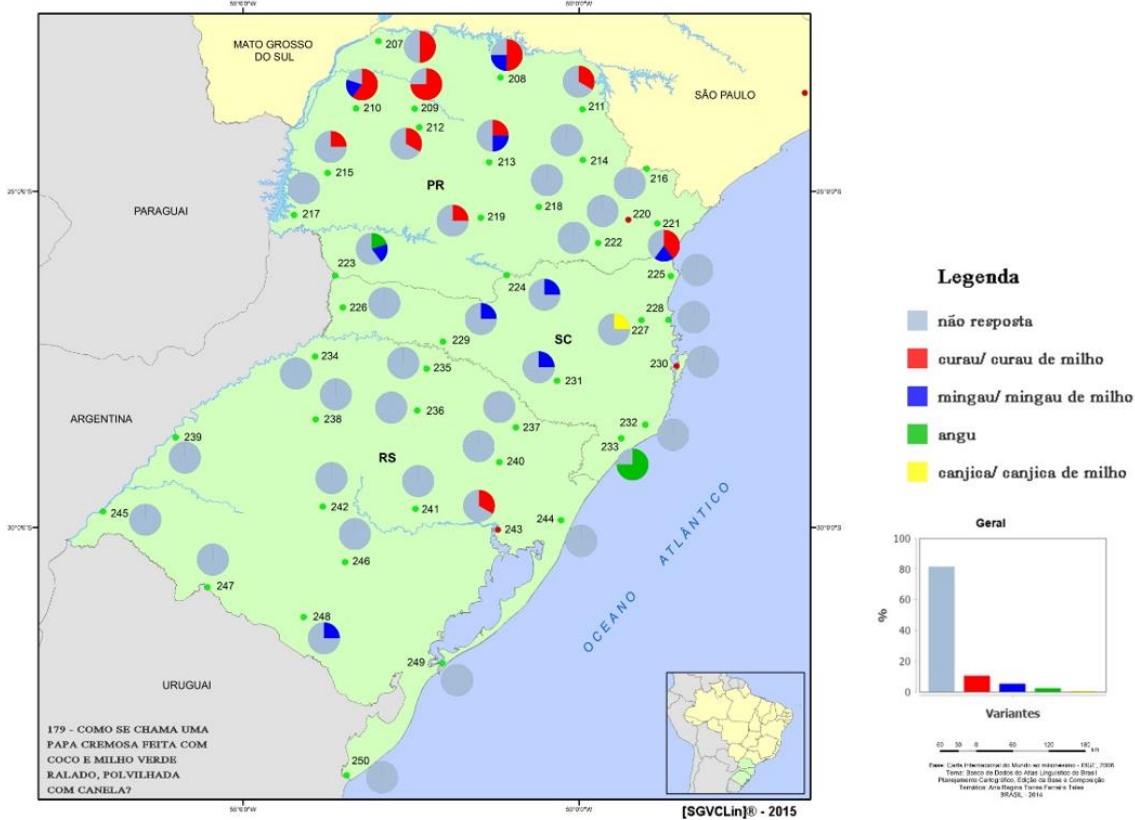
Figura 5. Distribuição diatópica das variantes para a questão 179 do QSL (Região Sudeste)



A variante *curau/ curau de milho* apresenta distribuição espacial delimitada por isoléxica, abrangendo localidades paulistas, além do sul-sudoeste mineiro e sudoeste carioca. *Mingau/ mingau de milho*, em sentido inverso, foi obtida em terras mineiras, pontos paulistas no noroeste e oeste fluminense até a fronteira capixaba, integrando-se em área balizada por outra isoléxica. *Papa/papa de milho*, foi documentada nas localidades capixabas, rumo ao litoral fluminense, e interior mineiro, em distribuição areal circunscrita por mais uma isoléxica. *Angu* foi registrada em localidades fluminenses litorâneas e arredores, com pouca produtividade.

Na Figura 6, a carta documenta a distribuição diatópica das formas linguísticas na Região Sul, em que se verifica novamente a grande disseminação de não respostas. Muitos informantes catarinenses e sul-rio-grandenses relataram não haver o costume de consumir pratos doces feitos à base de milho, somente receitas salgadas.

Figura 6. Distribuição diatópica das variantes para a questão 179 do QSL (Região Sul)



A forma *curau/ curau de milho* foi obtida notadamente em localidades paranaenses e na direção do centro ao oeste do Estado, sendo registrada também na capital sul-rio-grandense. *Mingau/ mingau de milho* foi documentada em pontos mais dispersos, localizados no Paraná, interior de Santa Catarina e em um ponto no Rio Grande do Sul; *angu* foi obtida nas localidades 223 – Barracão - PR e 233 – Criciúma - SC, e *canjica/ canjica de milho*, somente em 227 – Blumenau - SC.

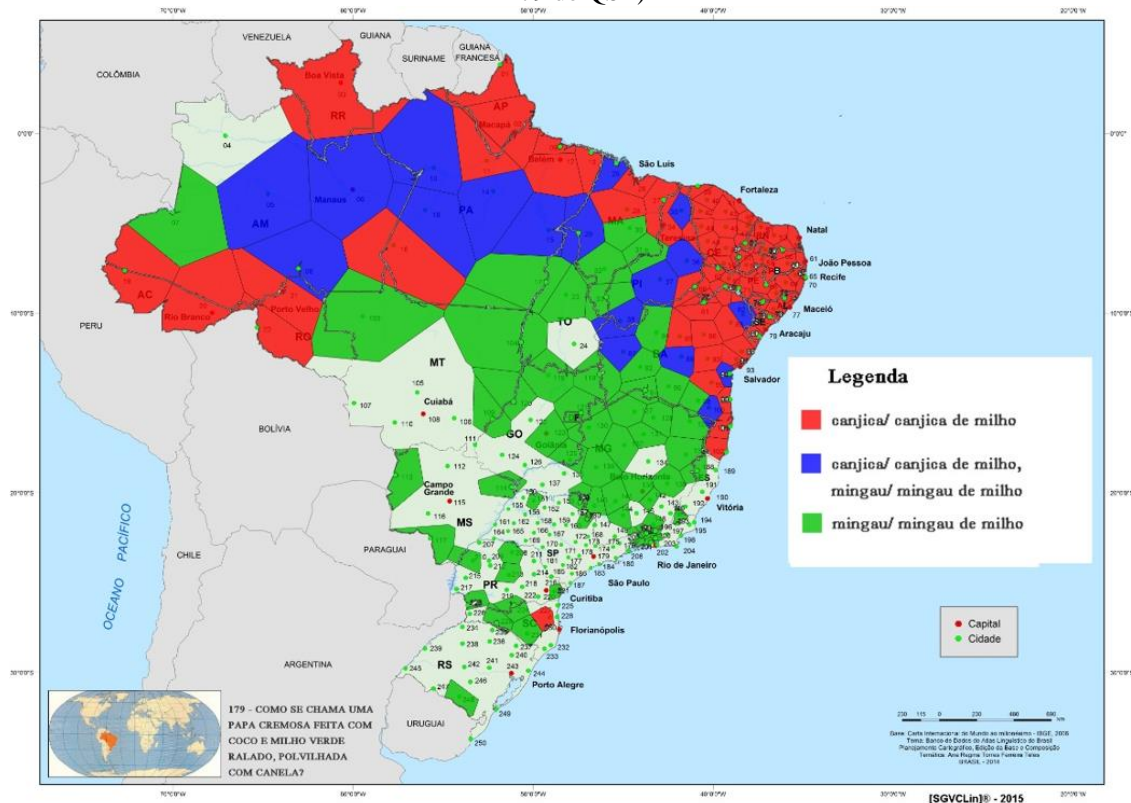
Posteriormente à análise por regiões, foi efetivado o mapeamento das variantes lexicais na totalidade do território brasileiro, no intuito de traçar uma macrovisão de sua disseminação.

Em um contexto geral, ao compararmos a distribuição diatópica das duas formas mais produtivas, *canjica/canjica de milho* e *mingau/ mingau de milho* a partir das cartas de arealidade (Figura 7), e de arealidade gradual (Figuras 8 e 9), observamos que a variante válida predominante no Brasil foi *canjica/canjica de milho*.

Ao compararmos, na Figura 7, a distribuição espacial de *canjica/canjica de milho* com a disseminação da segunda mais produtiva, *mingau/ mingau de milho*, observamos

que não ocorre uma norma geral para o referente em pauta, de modo a ser disseminado, com expressiva produtividade, em todas as regiões brasileiras.

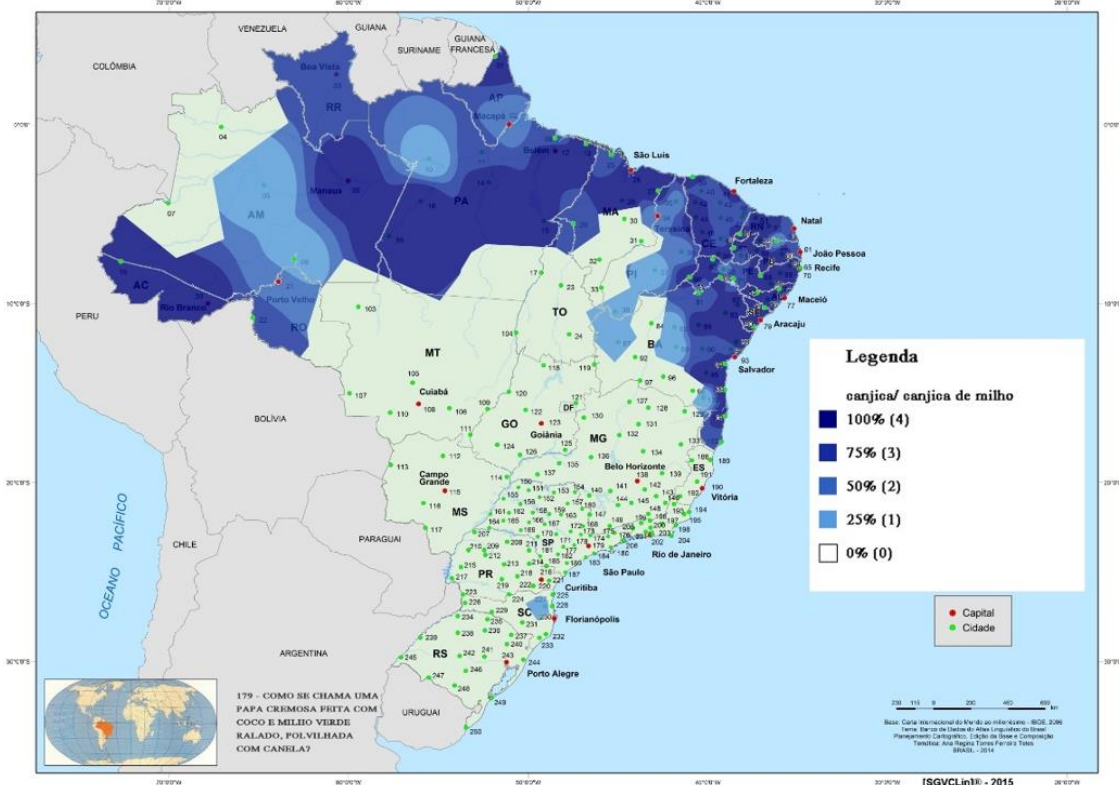
Figura 7. Carta de arealidade – comparação da distribuição areal para *canjica* e *mingau de milho* (questão 179 do QSL)



Fonte: Elaborada pela autora a partir do banco de dados do Projeto ALiB (2015) – carta linguística experimental

Canjica/ canjica de milho, forma regional conforme observamos a partir da carta de arealidade gradual (Figura 8), foi documentada no extremo Norte e Nordeste brasileiro, e em uma localidade catarinense isolada, abarcando, conforme a classificação de Diégues Junior (1960), as regiões culturais do cacau (mais ao sul baiano), da Mineração (em trecho do norte baiano), o Nordeste agrário integralmente, praticamente todo o Nordeste mediterrâneo pastoril e um trecho norte e central da Amazônia.

Figura 8. Carta de arealidade gradual – *canjica/canjica de milho* (questão 179 do QSL)

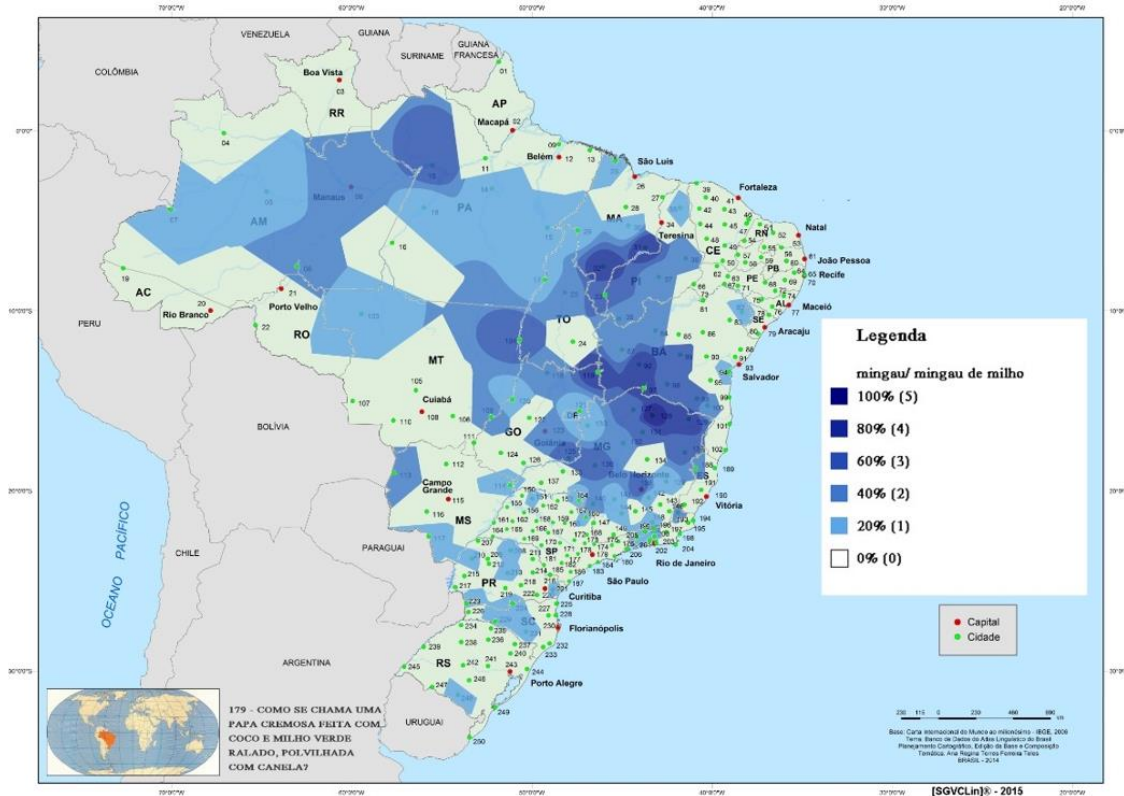


Fonte: Elaborada pela autora a partir do banco de dados do Projeto ALiB (2015) – carta linguística experimental

A forma mais disseminada e produtiva na porção setentrional do País está documentada em Ferreira (2010) e no Aulete [s/d], na entrada *canjica*, como uma receita em que se adiciona o leite de coco, apresentando as marcas de uso: *curau* (em São Paulo e em Mato Grosso); *coral* (no Rio de Janeiro e em Minas Gerais) e *canjiquinha* (no Rio de Janeiro). Conforme Cunha (2010), o item lexical tem étimo *malaiala*, língua de base indiana.

A arealização da variante *mingau/ mingau de milho* (Figura 9) engloba alguns trechos da Região Norte, Centro-Oeste, Sudeste, e parte do Nordeste, formando área delimitada por isoléxica, e de maneira mais esparsa, pontos situados na Região Sul. Em comparação ao mapa traçado por Diégues Junior (1960), abrange a área cultural da Mineração (quase integralmente), com pouca expressividade no Nordeste mediterrâneo pastoril e na Amazônia, e com algum resquício na zona do café, no Centro-oeste, nas áreas de colonização estrangeira e Pastoril do extremo sul. Consoante Cunha (2010), trata-se de item lexical de etimologia tupi, *minga'u*. Não está dicionarizado na demais obras lexicográficas na acepção em conformidade ao referente em pauta.

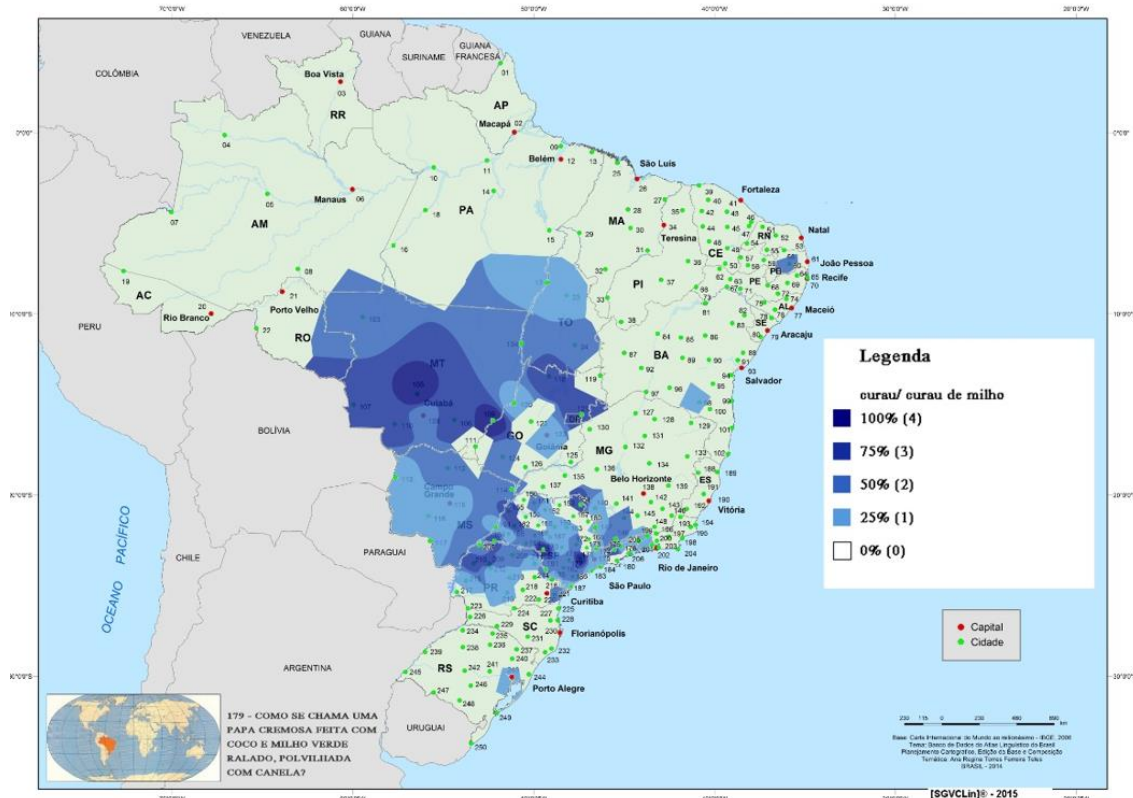
Figura 9. Carta de arealidade gradual – *mingau/mingau de milho* (questão 179 do QSL)



Fonte: Elaborada pela autora a partir do banco de dados do Projeto ALiB (2015) – carta linguística experimental

A distribuição espacial para a variante *curau/ curau de milho* integra-se em área delimitada por isoléxica (Figura 10). Trata-se de um regionalismo, em uso no Centro-Oeste (notadamente Mato Grosso e Mato Grosso do Sul) e no Sudeste, com maior relevo em São Paulo, do centro para o sul-sudoeste fluminense e sul mineiro, além de terras paranaenses e outras localidades dispersas, situadas no Nordeste e Sul. Ao contrastar com a divisão de Diégues Junior (1960), foi documentada com maior expressividade na área cultural da Faixa do café e no Centro-Oeste, e menor intensidade em trechos da zona de Mineração e da Amazônia. O item lexical foi documentado por Ferreira (2010) como sinônimo para *canjica*, no sentido da receita com coco, sendo classificado como um brasileiro de São Paulo, Mato Grosso e Goiás, marca dialetal confirmada e ampliada pelos dados desta pesquisa.

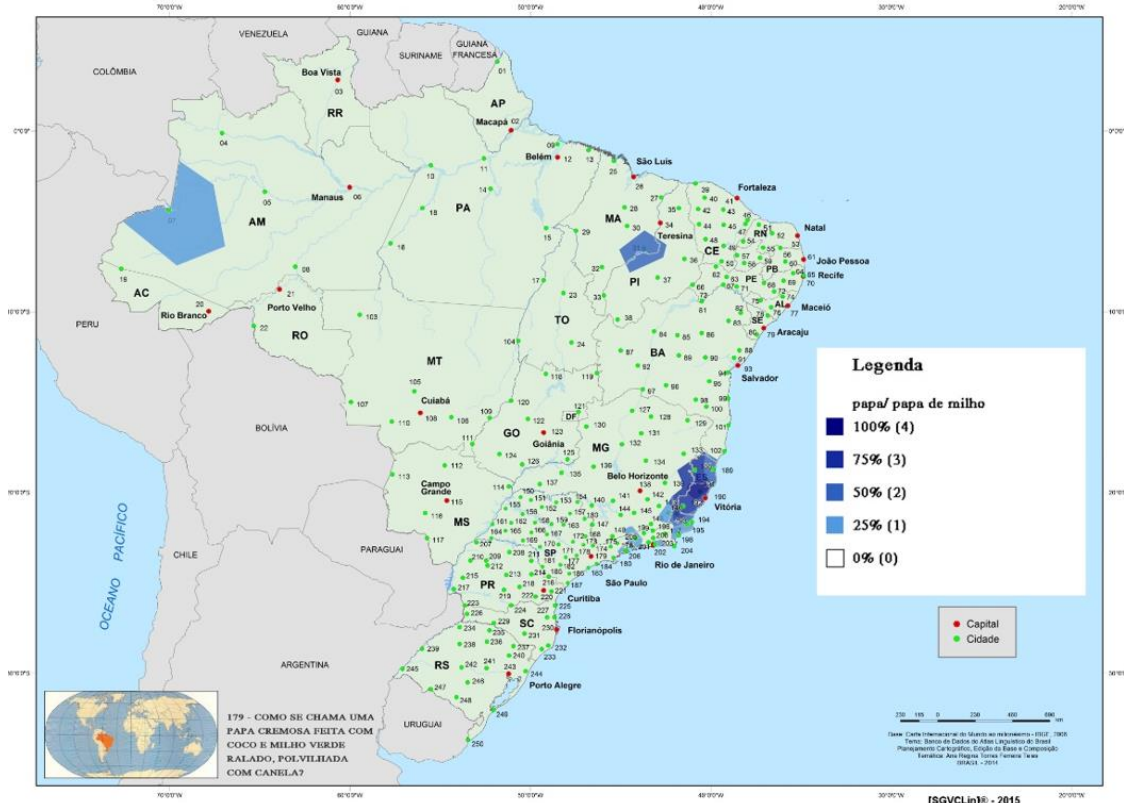
Figura 10. Carta de arealidade gradual – *curau/curau de milho* (questão 179 do QSL)



Fonte: Elaborada pela autora a partir do banco de dados do Projeto ALiB (2015) – carta linguística experimental

Na Figura 11, está representada a arealidade gradual para a terceira forma válida mais produtiva, *papa/papa de milho*. Trata-se de uma variante regional, abrangendo uma área fluminense e capixaba, rumo ao litoral paulista, além de outros pontos mais dispersos no Maranhão, no Piauí e em Amazonas. Consoante a classificação de Diégues Junior (1960), abrange a região cultural do sal, situada no litoral fluminense, porção litorânea fluminense e capixaba da antiga Faixa do café, e pequenas porções territoriais do Mediterrâneo pastoril nordestino e da Amazônia. Foi documentada como sinônimo para a *canjica* com coco em Ferreira (2010), com a marca de uso Minas Gerais e Rio Grande do Sul, dissonante no que diz respeito à disseminação espacial constatada a partir dos dados desta análise.

Figura 11. Carta de arealidade gradual – *papa/papa de milho* (questão 179 do QSL)



Fonte: Elaborada pela autora a partir do banco de dados do Projeto ALiB (2015) – carta linguística experimental

Em virtude da baixa produtividade para *angu* e *mugunzá*, optamos por somente descrever a disseminação geográfica geral e compará-la ao mapa organizado por Diégues Junior (1960), além de proceder à investigação léxico-semântica dos itens lexicais.

A quarta forma mais produtiva, *angu*, foi documentada de maneira mais dispersa, no Pará, no interior nordestino e paraense e no litoral catarinense. Segundo a classificação de Diégues Junior (1960), abarca pequenas porções da área cultural Pastoril do extremo sul, do Mediterrâneo Pastoril e da Amazônia. Está documentada em Cunha (2010), Houaiss e Villar (2009) e Aulete [s/d] como de origem *ioruba*¹⁹ (*a'nu*), em acepção diferente no tocante ao referente em estudo.

Mugunzá, foi registrada em algumas localidades paraenses e trechos do norte baiano. Conforme a proposta de Diégues Junior (1960), contempla, com pouca expressividade, a área cultural do Mediterrâneo pastoril, da Mineração baiana, e da Amazônia. Não está documentada em nenhuma das obras lexicográficas consultadas no sentido em pauta.

¹⁹ Língua da família linguística nigero-congolesa.

Levando em consideração o resultado do mapeamento das regiões brasileiras, em cada uma delas constatamos haver um comportamento linguístico distinto, reflexo da formação sociocultural e econômica dissemelhante. Ainda sob esse prisma, destacamos o cenário polimórfico nordestino e o acréscimo de não respostas verificadas à medida que se caminha em direção às Regiões Sudeste e Sul. O panorama linguístico nacional retratado por intermédio das cartas de arealidade e arealidade gradual propiciou uma visão mais ampla da disseminação de cada variante, evidenciando a distribuição espacial das formas regionais.

Considerações Finais

Do exposto, podemos concluir, em linhas gerais, que o léxico espelha a experiência coletiva acumulada pela comunidade, a cultura de um povo, sob o invólucro de usos regionais. Neste estudo, como reflexo do saber coletivo, foram documentados alguns regionalismos, tais como: *canjica/ canjica de milho*, *mingau/ mingau de milho*, *curau/ curau de milho* e *papa/ papa de milho*; não obstante, não foi constatada uma denominação de uso geral no território brasileiro.

O elevado índice de não respostas para a questão em pauta sinaliza o desconhecimento por alguns falantes em relação ao quitute, do modo como é descrito pelos inquiridores. Muitos declararam o não costume de adicionar coco como ingrediente na receita, ou relataram (notadamente os catarinenses e os sul-rio-grandenses) não ter o hábito de consumir pratos doces produzidos a partir do milho.

Devido à natureza dos dados lexicais, os limites entre as áreas abrangidas pelas isoléxicas são fluidos, por conseguinte, muitas variantes lexicais foram documentadas em mais de uma extensão territorial.

No que se refere às marcas dialetais e à documentação dos itens lexicais nos dicionários, salientamos a importância dos estudos geolinguísticos amplos como o ALiB, contribuindo na perenização das formas linguísticas e na atualização das marcas de uso nas obras lexicográficas.

Por intermédio do esquadramento dos dados registrados nas capitais e no interior brasileiro, o Projeto ALiB vem cada vez mais desvelando o mosaico linguístico nacional, trazendo à luz saberes e falares ancestrais de cada recôndito do País.

Referências

- AGUILERA, V. de A.; YIDA, V. Projeto ALiB: uma análise das respostas e das não-respostas de informantes das capitais. *Signum: Estudos da Linguagem*. Vol. 11, N. 2, p. 15-31, dez. 2008.
- AULETE, C. *Aulete digital*: Dicionário contemporâneo da língua portuguesa: Dicionário Caldas Aulete, versão *online*. Disponível em: http://www.aulete.com.br/site.php?mdl=aulete_digital. Acesso em: 23 jun. 2020.
- BIDERMAN, M. T. C. *Teoria lingüística*: lingüística quantitativa e computacional. Rio de Janeiro: Livros Técnicos e Científicos, 1978.
- CARDOSO, S. A. M. *et al. Atlas lingüístico do Brasil*. Introdução. v. 1. Londrina: EDUEL, 2014a.
- CARDOSO, S. A. M. *et al. Atlas lingüístico do Brasil*. Cartas Linguísticas. v. 2. Londrina: EDUEL, 2014b.
- CARDOSO, S. A. M. *Geolingüística*: tradição e modernidade. São Paulo: Parábola Editorial, 2010.
- COMITÊ NACIONAL DO PROJETO ATLAS LINGÜÍSTICO DO BRASIL. *Questionários*. Londrina: EDUEL, 2001.
- COSERIU, E. Sistema, norma e fala. In: COSERIU, E. *Teoria da linguagem e lingüística geral*. Rio de Janeiro: Presença, 1979.
- CUNHA, A. G. da. *Dicionário etimológico da língua portuguesa*. 4^a. Ed. Rio de Janeiro: Lexikon, 2010.
- DIÉGUES JUNIOR M. *Regiões culturais do Brasil*. Rio de Janeiro: Instituto Nacional de Estudos Pedagógicos (INEP), 1960.
- FARACO, C. A.; ZILLES, A. M. *Para conhecer norma lingüística*. São Paulo: Contexto, 2017.
- FERREIRA, A. B. de H. *Dicionário Aurélio da língua portuguesa*. 5^a. Ed. Curitiba: Positivo, 2010.
- HOUAISS, A.; VILLAR, M. de S. *Dicionário Houaiss da Língua Portuguesa*. Rio de Janeiro: Objetiva, 2009.

ISQUERDO, A. N. Herança lusa na toponímia de municípios da região Norte do Brasil: perspectivas linguística e sócio-histórica. *In: XXVII^E CONGRÈS INTERNATIONAL DE LINGUISTIQUE ET DE PHILOGIE ROMANES*. Section 5: Lexicologie, phraséologie, lexicographie, Vol.5, 2016, Nancy. *Actes [...]*. Nancy: ATILF, 2016. p. 315-328.

ISQUERDO, A. N. A propósito de dicionários de regionalismos do português do Brasil. *In: ISQUERDO, A. N.; ALVES, I. M. (Orgs.)*. *As ciências do léxico: lexicologia, lexicografia, terminologia*. Vol. II. Campo Grande: UFMS, São Paulo: Humanitas, 2007.

ISQUERDO, A. N. Achegas para a discussão do conceito de regionalismos no português do Brasil. *Alfa*, Vol. 50, N. 2, p. 9-24, 2006. Disponível em: <http://seer.fclar.unesp.br/alfa/article/view/1408>. Acesso em: 29 jun. 2020.

MOTA, J. A. Reflexões sobre a arte de fazer inquéritos lingüísticos. *In: MOTA, J. A.; CARDOSO, S. A. M. (org.)*. *Documentos 2: Projeto Atlas Linguístico do Brasil*. Salvador: Quarteto, 2006.

MOTA, J. A.; CARDOSO, S. A. M. A construção de um Atlas Linguístico do Brasil: o percurso do ALiB. *Signum: Estudos da Linguagem*, Londrina, Vol. 12, N. 1, p. 237-256, jul. 2009.

OLIVEIRA, A. M. P. P. de. *O português do Brasil: brasileirismos e regionalismos*. 1999. Tese (Doutorado em Linguística e Língua Portuguesa) – Faculdade de Ciências e Letras, Universidade Estadual Paulista, Araraquara, 1999.

PONTES, A. L. *Dicionário para uso escolar: o que é, como se lê*. Fortaleza: EdUECE, 2009.

ROMANO, V. P.; SEABRA, R. D.; OLIVEIRA, N. [SGVCLin] Software para geração e visualização de cartas linguísticas. *RELin: Revista de Estudos da Linguagem*, Vol. 22, N. 1, p. 119-151, jan.-jun. 2014.

ROMANO, V. P.. *Em busca de falares a partir de áreas lexicais no Centro-Sul do Brasil*. 2015. 2v. Tese (Doutorado em Estudos da Linguagem) – Universidade Estadual de Londrina, Londrina, 2015.

SAPIR, E. Língua e ambiente. *In: SAPIR, E. Linguística como ciência*. Tradução Joaquim Mattoso Camara Junior. Rio de Janeiro: Acadêmica, 1969. p. 43-62.

THUN, H. La géographie linguistique romane à la fin du XXe. Siècle. CONGRÈS INTERNATIONAL DE LINGUISTIQUE ET DE PHILOGIE ROMANES. 1998, Bruxelles. *Actes [...]* Vol. 3. Vivacité et diversité de la variation linguistique. Tübingen: Niemeyer, 2000, p. 367-388.

YIDA, V. *Normas lexicais no português brasileiro: uma descrição de regionalismos nos dados do campo semântico da Alimentação e Cozinha do Projeto Atlas Linguístico do Brasil (ALiB)*. 2019. 399f. 2 v. Tese (Doutorado em Estudos da Linguagem) – Centro de Letras e Ciências Humanas, Universidade Estadual de Londrina, Londrina, 2019.

YIDA, V.; GHOLMIE, M. R. S.; VASCONCELOS, C. A. Estratégias para a obtenção de respostas nos inquéritos do ALiB: a questão 054 (aftosa) nas capitais do Centro-Oeste e Sudeste. *Signum: Estudos da Linguagem*, Vol. 21, N. 1, p. 32-54, abr. 2018.